

A religião mais negra do Brasil

A religião mais negra do Brasil

Copyright © 2004, por Marco Davi de Oliveira
Todos os direitos reservados

Preparação de texto: Omar de Souza

Revisão: Maria Isabel Corceti Dutra

Capa: Douglas Lucas

Diagramação: Idéia Dois Design

Impressão: OESP S/A

A produção deste livro contou com o apoio de Tyndale House Publishers (Wheaton, Illinois – USA)

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

A 1ª edição brasileira foi publicada em setembro de 2004, com uma tiragem de 4.000 exemplares.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Marco Davi de

A religião mais negra do Brasil/ Marco Davi de Oliveira. — São Paulo :
Mundo Cristão, 2004.

Bibliografia

ISBN 85-7325-369-X

1. Pentecostalismo – Brasil 2. Pentecostalismo – Brasil – História

I. Título

04-4210

CDD - 270.820981

Índice para catálogo sistemático

1. Brasil : Movimento Pentecostal : Cristianismo 270.820981

2. Brasil : Pentecostalismo : Movimento : Cristianismo 270.820981

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Associação Religiosa Editora Mundo Cristão

Rua Antonio Carlos Tacconi, 79 – CEP 04810-020 – São Paulo – SP – Brasil

Telefone: (11) 5668-1700 – Home page: www.mundocristao.com.br

Editora associada a:

- Associação Brasileira de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

Printed in Brazil

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

04 05 06 07 08 09 10 11

Todo cristão que aceita cegamente as opiniões da maioria e segue, por medo ou timidez, o caminho da conveniência ou da aprovação social torna-se mentalmente e espiritualmente num escravo.

—Martin Luther King, Jr.

Sobre o autor

MARCO DAVI DE OLIVEIRA é natural de Teresópolis – RJ. Casado com Nilza Valéria, tem dois filhos, Marco Davi e Lethícia Mariáh. É bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e é ministro de missões urbanas na Igreja Batista de Vila Mariana. Milita no movimento negro evangélico como presidente fundador da organização não-governamental Simeão, o Níger e tem participado como um dos coordenadores do Fórum de Lideranças Negras Evangélicas.

Agradecimentos

ESTA É A MAIS AGRADÁVEL e a mais arriscada tarefa para alguém como eu realizar. Agradável porque é fácil dizer às pessoas que a nós são caras quanto as estimamos e quanto foram importantes em nosso trabalho. Mas, extremamente arriscada, porque caminhamos na possibilidade do esquecimento de pessoas que também a nós são importantes. Portanto, já passo por este vale de cabeça baixa, reconhecendo as minhas limitações e digo que todos que contribuíram direta ou indiretamente, de maneira clara ou anônima, foram de suma importância neste processo de construção do livro.

Mas, não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que serviram de alicerce para que este trabalho se tornasse uma realidade. Agradeço ao meu grande amigo Ariovaldo Ramos, que começou a refletir comigo sobre este tema, dando grandes contribuições, além de dar toda a estrutura inicial para que eu começasse a pesquisar e escrever. E também por sempre acreditar que eu poderia terminar este livro. Obrigado, amigo, por sua amizade e por sua graça.

Agradeço também ao amigo Hernani Francisco, da Missão Quilombo, pelo grande incentivo. Durante nossos fóruns e debates pude crescer ouvindo suas ponderações.

Louvo a Deus pelo apoio do amigo Marco Antonio Fernandez que, durante aqueles dias de desânimo em que a tarefa parecia impossível, trouxe sempre palavras encorajadoras, fazendo-me ver as possibilidades além das montanhas.

Agradeço ao Alexandre Brasil que, de pronto, aceitou o desafio de prefaciar este trabalho.

Exalto ao Senhor Deus pela editora Mundo Cristão pela oportunidade dada a mim e a este tema novo para a Igreja brasileira. Louvo a Deus pela equipe desta editora que, com criatividade e responsabilidade, se dedicou com afinco à produção deste livro. Parabéns para todos vocês. Mas, quero agradecer a duas pessoas da editora Mundo Cristão, em particular, que foram muito importantes e que me trataram de forma espetacular. Agradeço ao Mark Carpenter pela coragem de conduzir este projeto inovador. E ao Renato Fleischner, que, com dedicação, visualização e carinho, cuidou de forma pessoal de todos os detalhes. Outrossim, agradeço-lhe o encorajamento e as diretrizes nos momentos necessários.

Quero agradecer à minha família. Primeiro, à minha esposa Nilza Valeria, que, com amor e carinho, cuidou de mim nos momentos difíceis, tanto em relação ao livro, mas, principalmente, de saúde. Obrigado querida, por sua existência! E agradeço aos meus queridos filhos, Marquinho e Lelê, pela alegria constante que me fornecem diariamente.

Mas, tudo isso não seria possível sem a graça e a misericórdia do Senhor de todos os dons. Ao Senhor Jesus Cristo toda a honra e toda a glória.

Marco Davi de Oliveira

Sumário

Apresentação	11
Prefácio	13
Introdução	19
I A ORIGEM DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL	23
A INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA	25
A IGREJA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL	30
A IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS	34
A IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR	37
A IGREJA PENTECOSTAL O BRASIL PARA CRISTO	39
A IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR	43
II O PENTECOSTALISMO COMO OPÇÃO PARA OS EXCLUÍDOS	45
A IGREJA PENTECOSTAL: OPÇÃO PARA OS POBRES	45
A IGREJA PENTECOSTAL: OPÇÃO PARA OS NEGROS	49
III AS BARREIRAS DAS IGREJAS HISTÓRICAS	53
OPÇÃO PELA ELITE	54
DIFICULDADE COM A LINGUAGEM	55
ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA	57
LITURGIA DISTANTE DOS NEGROS	59

IV OS NEGROS E A IGREJA PENTECOSTAL	61
LIBERDADE: UM ANSEIO DOS NEGROS	63
O IDH - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO	65
LITURGIA PENTECOSTAL: REMINISCÊNCIAS	67
V FUNDAMENTALISMO, PENTECOSTALISMO E OS NEGROS NO BRASIL	73
O FUNDAMENTALISMO: ALICERCE PARA O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO	74
A PROPOSTA DE SANTIDADE DOS PENTECOSTAIS	77
VI O LADO ESCURO DA UNIÃO: NEGROS E PENTECOSTAIS	83
O ESTIGMA DA INFERIORIDADE E O BRANQUEAMENTO NA IGREJA PENTECOSTAL	84
OS NEGROS PENTECOSTAIS: GRANDE MASSA DE MANOBRA POLÍTICA	88
O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL ENTRE OS PENTECOSTAIS	91
MAIS PERTO DE DEUS QUANTO MAIS DISTANTE DA ORIGEM	93
VII PENTECOSTAIS: MAIORIA NEGRA?	99
O MITO DO CANDOMBLÉ	100
OS NEGROS SÃO PENTECOSTAIS?	102
VIII UMA CONSTATAÇÃO QUE EXIGE AÇÃO URGENTE	105
A CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA EVANGÉLICA PARA OS NEGROS NO BRASIL	106
AS POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E AS IGREJAS EVANGÉLICAS	109
A DIMENSÃO TRANSCENDENTE DA IGREJA	114
Conclusão	117
Notas	119

Apresentação

O BRASIL, NESTAS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS, assistiu a mudanças impressionantes em todas as áreas: deixamos para trás a ditadura militar, aprimoramos nossa democracia, alcançamos relativa estabilidade econômica. Entretanto, penso que, de todas as mudanças que temos experimentado, a que mais se destaca aconteceu no campo religioso. Nestes últimos 30 anos, o mapa religioso do país passou por uma revolução imprevista, uma religião vinda de fora de nossas fronteiras e que chegou aqui na metade do século XXI, experimentou um crescimento explosivo; trata-se do movimento evangélico, uma variante da reforma protestante. Esse movimento, especialmente em sua vertente pentecostal, desde a década de 1970, vem experimentando um significativo e consistente crescimento. E, proeza maior, conseguiu tocar a base da cultura brasileira, conseguiu achar guarida na base da pirâmide social. Cresceu no segmento outrora dominado pelo catolicismo e pelas religiões de matriz africana. Esse crescimento, para além de alterar o mapa da distribuição do poder na sociedade brasileira, está alterando algumas crenças sociais. É da revisão de uma dessas crenças que trata este texto. Marco Davi propõe, a partir de dados consistentes, que houve uma reviravolta no arraial da negritude

no Brasil. É mais do que uma mudança de religião, é uma alteração profunda na base da cultura que vale a pena conferir.

Lembro-me de que, em meados da década de 1990, num encontro promovido pela Aliança Evangélica Brasileira sobre o crescimento da igreja brasileira, foi apresentada uma pesquisa realizada pelo ISER, Instituto Superior de Estudos da Religião, que apontava que a igreja tinha crescido entre os mais pobres. Na ocasião, chamou-me a atenção a reação dos pastores presentes. Alguns colegas pareciam estar lendo os dados como se nos fossem ofensivos. Lembro-me do esforço do membro do ISER, que nos apresentava os dados, no sentido de demonstrar, num misto de surpresa e de incredulidade, quão positivo e meritório era tal fenômeno. Temo que algo assim venha a acontecer com meu amigo Marco Davi, porque o que nos apresenta é, ao mesmo tempo, uma boa nova e uma denúncia, pois o fato de os negros terem se convertido em tal número, que se tornaram uma parcela muito expressiva da igreja evangélica brasileira, torna inexplicável a flagrante inexistência de negros na sua liderança.

Marco é um ardente batalhador pela causa da emancipação do negro. Ele luta pelo resgate dessa imensa dívida que o país tem para com essa parcela da população tão decisiva na construção de uma nação, que, graças à contribuição negra, pousa como de riquíssima cultura e de proposta civilizatória que busca resgatar o significado de uma só humanidade; isto é bonito como postulação, mas precisa deixar de ser mera propaganda, o que só acontecerá quando o negro for de fato incluído nessa sociedade com todo o direito e respeito a que faz jus. Marco Davi, pastor batista, se destaca por sua militância e palavra relevante. É um amigo que respeito e ouço com redobrada atenção.

Ariovaldo Ramos

Prefácio

UM DOS TEMAS MAIS RECORRENTES nas recentes produções ligadas à sociologia da religião refere-se ao pentecostalismo, sua evidência social e transformações vivenciadas decorrentes de sua expansão. Igrejas evangélicas que – ao possuírem uma forte presença entre as *camadas inferiores*, convivendo em sua liturgia o *profano* e o *sagrado* num espaço marcadamente de *feita* nos atos religiosos e de um sincretismo denominado pela literatura acadêmica de *ecumenismo popular* – são apontadas como nova expressão da religiosidade popular brasileira.

A evidência dessas igrejas pentecostais acaba por obrigar os mais diversos setores da sociedade a refletir e aprofundar seus conhecimentos em relação a este fenômeno. Vários estudos e pesquisas estão sendo desenvolvidos em universidades, centros de pesquisa e institutos teológicos na tentativa de compreender os motivos que levam as massas a aderir a esta opção religiosa.

Este livro representa uma abordagem inédita sobre a presença do negro na sociedade brasileira exatamente por

voltar seu olhar para o interior dessas igrejas evangélicas pentecostais. São exatamente estas – muitas vezes associadas a charlatanismo ou manipulação – que reúnem entre os seus fiéis contingente significativo de afro-descendentes, segundo dados oficiais do governo.

Essa constatação merece a atenção de todos aqueles que se dispõem a pensar questões como negritude, racismo ou mesmo sobre a desigualdade social que campeia no país e que atinge especialmente esta parcela da população. Ao olharmos o negro e o seu lugar social, é importante levarmos em consideração a informação de que entre estes a opção pelo pentecostalismo é cada vez mais recorrente.

O que motiva Marco Davi de Oliveira a escrever é entender o porquê dessa opção dos negros pelo pentecostalismo, e é a partir desta compreensão que o autor se propõe a destacar os elementos positivos e a denunciar os negativos. E é exatamente ao salientar as lacunas presentes nas igrejas pentecostais em relação à negritude que temos a sua principal contribuição.

Os recentes conflitos mundiais reafirmaram uma das principais tensões existentes em nossa era, a qual se encontra na relação entre a fé e a cultura. São recorrentes as reflexões que questionam o papel do evangelho distante das mais diversas culturas; o problema do sincretismo ou mesmo, no caso específico do pentecostalismo, a demonização das práticas e ritos oriundos da cultura africana. Este é um tema ainda espinhoso e pouco discutido por teólogos evangélicos dos mais variados matizes e filiações eclesiais.

O desafio que o trabalho de Marco Davi propõe nos remete à tentativa de viver e encarnar o evangelho na cultura, certamente um grande desafio para todos os cristãos. Compreender aquilo de essencial da mensagem do evangelho, seu contexto

cultural, e a partir desta percepção viver e transmitir a mensagem bíblica nas mais diferentes realidades, tendo condições e coragem para não perceber o diferente como “errado”.

Em muitos momentos da história, a cultura serviu como instrumento de dominação. Povos europeus utilizaram a antropologia para legitimar todos os massacres que nosso continente vivenciou no passado. Neste contexto, o papel da cultura seria o de estabelecer uma “escala de civilização”. Assim, conceitos como o de etnocentrismo – que ao apontar uma determinada cultura (anglo-saxã) como central e como o ponto final desta escala evolutiva – indicam determinadas civilizações como “melhores” e mais “corretas” do que outras. O desenvolvimento tecnológico é entendido como complexidade e qualidade de vida, aquilo que é “certo”; o que não se enquadra nisto é “primitivo” e “bárbaro”.

Somente no final do século XIX e início do XX é que a antropologia deixou de lado esta percepção preconceituosa da cultura. Vários trabalhos antropológicos passaram a apontar que as diferenças entre os hábitos e costumes dos mais variados povos não deveriam ser compreendidas a partir de uma evolução, mas sim da consciência de que as diferentes culturas guardam lógicas distintas. Sistemas de interpretar e classificar o mundo diferenciados, os quais nos ajudam a entender atos e posturas inicialmente encarados como exóticos, mas facilmente compreendidos caso inseridos dentro de seu sistema classificatório específico.

Conceitos como o de relativização serviram para nortear uma nova forma de encarar aquilo de diferente dos outros povos. Neste processo de aceitação do diferente, vocábulos como direitos humanos ou ecologia ganharam força. Passamos a conviver com mulheres lutando por igualdade, grupos

indígenas se organizando na tentativa de preservar seus hábitos, grupos negros de “resistência” e ecologistas de todos os tipos. Ainda mais recentemente, vivemos uma realidade que busca pensar a vida urbana e a cidadania, resgatando valores como o da dignidade humana e da solidariedade.

Realidades como a da África do Sul ruíram após anos de uma vergonhosa estrutura, a qual contou com toda uma “teologia do *apartheid*”. O fazer teológico encontrou-se contaminado por todo o preconceito resultante de conceitos como o de etnocentrismo, produzindo um cristianismo assassino e preconceituoso. Assassino, porque – apesar de apregoar o amor e a fraternidade – foi responsável por uma série de barbaridades. Preconceituoso, porque – apesar de ter a igualdade como referencial – acabou sendo o motivo para o sepultamento de uma série de culturas, como também de relações racistas no decorrer da história.

Com os ventos do neoliberalismo pairando fortemente sobre a nossa sociedade, a questão da exclusão social se tornou obrigatória entre aqueles que acreditam na possibilidade de um Reino de justiça e paz. A questão igualdade/diferença toma proporções que obrigam um maior número de reflexões. A afirmação do sociólogo português Boaventura Santos nos auxilia nesta discussão: “Temos o direito de ser iguais sempre que as diferenças nos inferiorizam; e temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descharacteriza”.

O livro que está em suas mãos enfrenta exatamente a questão da diferença que representa ser negro na sociedade brasileira, especialmente no interior das igrejas pentecostais. Meu desejo é que este texto possa ser instrumento de provocação e de motivação para que tenhamos mais pessoas

dispostas a enfrentar a questão da negritude num contexto em que o “racismo cordial”, de tão arraigado, nem é percebido.

Ricas iniciativas têm ocorrido a partir da periferia dos centros urbanos, experiências como a que se expressa no *rap* dos Racionais MC’s, oriundos de um contexto de pobreza, violência e de predominância pentecostal. É exatamente em suas “músicas profanas” que a figura do “evangélico” surge como uma opção concreta para o enfrentamento da pobreza, da desigualdade e da violência urbana a partir de significativas letras de protesto e resistência.

Potencialmente, as igrejas pentecostais têm condições para desempenhar importante papel num processo de enfrentamento das desigualdades que inclui a questão racial em sua pauta. A predominância dos negros em suas fileiras, ao lado de sua capilaridade social e capacidade de agregação, abre possibilidades que não podem ser menosprezadas e que devem ser acionadas por aqueles que seriamente se propõem a discutir o espaço e a importância dos negros para o Brasil.

Alexandre Brasil Fonseca

Introdução

ESCREVER SOBRE UM ASSUNTO que já está saturado é mais fácil que tentar defender alguma questão em que muitos pensam, mas sobre a qual não têm a clareza necessária para argumentar de forma lógica. Muitos livros já foram escritos sobre a questão racial. Nos últimos anos, vários acadêmicos têm se debruçado sobre os problemas que afetam os negros no Brasil. São sociólogos, psicólogos, filósofos, antropólogos e teólogos, todos se esforçando para dar contribuições importantes ao tema.

Mesmo assim, na literatura brasileira ainda existe uma grande lacuna sobre o assunto. Poucos são os pensadores que apresentaram seus comentários, seja em ensaios, periódicos ou livros, sobre a relação da Igreja – em especial, a evangélica – e os negros brasileiros. Surpreende perceber quanto temas como o racismo, a igualdade racial, as políticas de ações afirmativas, entre outros, estão distantes dos discursos dos evangélicos em geral. Falar sobre segregação racial, racismo e preconceito nas igrejas sempre foi um tabu. Aparentemente, mexer nessas questões é como tocar alguns

ferimentos mal cicatrizados, certas mazelas que insistem em incomodar a Igreja brasileira.

A proposta deste livro é refletir sobre a atuação da Igreja Pentecostal junto aos negros deste país e entender por que ela se tornou uma espécie de opção aos excluídos brasileiros, tendo em vista que a Igreja Católica e o braço histórico do protestantismo ignoraram os negros do país.

Não podemos incorrer no erro grave de afirmar que outras igrejas cristãs, além da pentecostal, não têm negros em suas comunidades de fé. A Igreja Católica Romana, é claro, tem o maior número de negros no país, com mais de 55 milhões de afro-descendentes.¹ Entretanto, a maioria dos negros que professam o catolicismo não frequenta ativamente a igreja, ao contrário do que acontece com os negros pertencentes a igrejas evangélicas, que participam de forma efetiva de suas comunidades locais.

Se, por um lado, não podemos deixar de afirmar que os negros, em sua maioria, são católicos, também não podemos ignorar que o pentecostalismo pode ser considerado a Igreja mais negra do Brasil, se levarmos em consideração questões como liturgia, canto, aproximação do povo, linguagem, postura eclesiástica, etc. – características não observadas na Igreja Católica Romana, bem como no protestantismo histórico.

Segundo dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem 11.951.347 negros evangélicos. Desses, 8.676.997 (72,6%) são pentecostais, enquanto a população negra de umbandistas e candomblecistas não alcança 253.000 pessoas.

Por que os negros fizeram opção pelo pentecostalismo? Que características os atraíram para o segmento pentecostal? Que aspectos dessa relação devem ser destacados e quais

devem ser denunciados? Como é tratada a questão da cultura negra no segmento evangélico? Existe democracia racial, de fato? Por que, mesmo sendo maioria no segmento pentecostal, ainda se demoniza a herança africana? Como as igrejas lidam com a auto-imagem do negro pentecostal? Qual é o futuro da relação do negro com a Igreja Evangélica brasileira?

Várias questões de fundo foram investigadas. Esperamos que esta leitura contribua para o entendimento do fenômeno da negritude no universo evangélico em geral e, em particular, no pentecostal. Compartilhe comigo da análise dessa questão tão delicada e perigosa, sabendo que o choque pode não ser tão forte, mas vai incomodar. Caso não incomode, faça nova leitura e você vai encontrar, após as dores (da revolta, da discórdia, da surpresa), um sentimento de respeito pelos negros e negras do país, além de uma paixão ainda maior por Cristo, que alcançou e dirige a Igreja brasileira.

A origem do Pentecostalismo no Brasil

O TERMO “PENTECOSTALISMO” tem sua origem no acontecimento que se deu após a ascensão de Jesus Cristo aos céus, depois da ressurreição (At 1:6-11). O dia de Pentecostes era uma festa dos judeus após a colheita.¹ No dia em que o Espírito Santo desceu à Terra, as pessoas começaram a falar em outras línguas. Naquele momento, os apóstolos falaram os idiomas próprios de populações de outras nações (At 2:1-13).

Os pentecostais se reportam àquele acontecimento para alicerçar suas experiências espirituais carismáticas. Afirmam receber o chamado “batismo com o Espírito Santo” quando falam em línguas espirituais, num fenômeno conhecido como glossolalia. Pentecostalismo é, portanto, o movimento religioso protestante gerado a partir desse tipo de experiência. Os pentecostais acreditam que o batismo com o Espírito Santo é uma espécie de prêmio concedido às pessoas que alcançam um nível de santificação e obediência a Deus mais elevado.

A história do pentecostalismo brasileiro é extraordinária – ainda que, desde a origem, confusa, por conta de suas controvérsias. A trajetória do pentecostalismo é repleta de episódios bastante interessantes, porque revela a saga de homens e mulheres que fizeram alguma diferença na história do protestantismo brasileiro. Pensar nas experiências dos que trouxeram o movimento pentecostal para o Brasil também induz a uma reflexão sobre os aspectos que estimularam o crescimento da população evangélica do país – um grupo social que cresce a cada dia, tanto em número quanto em influência.

O pentecostalismo brasileiro tem diversas peculiaridades. Após a chegada desse movimento, trazido por vários missionários estrangeiros influenciados pela experiência do negro norte-americano em Los Angeles (assunto que veremos mais adiante), os brasileiros impuseram um estilo próprio, com características da cultura nacional. Esse fator diferencial fez com que o pentecostalismo penetrasse nas camadas mais pobres da sociedade brasileira e invadissem, com sua linguagem simples e popular, os lugares mais ermos e distantes do Brasil.

A análise desse fenômeno não pode ignorar a história de algumas denominações evangélicas, como a Assembléia de Deus, a Congregação Cristã no Brasil e a Igreja do Evangelho Quadrangular, oriundas de experiências religiosas trazidas de fora do país por missionários que vieram no início do século xx com mensagens diferentes daquelas que eram anunciadas entre os evangélicos da época.

Há que se considerar, também, o pentecostalismo nascido aqui mesmo, em solo brasileiro. Não é possível, por exemplo, tratar com indiferença o papel de Manoel de Melo, fundador da igreja O Brasil para Cristo, que, mesmo enfrentando

muitas dificuldades, conseguiu causar um forte impacto com suas mensagens que atingiam a população menos privilegiada, não só entre as igrejas históricas, mas também entre os pentecostais que já estavam instalados. Num período extremamente difícil para o rádio brasileiro, aquele homem de origem simples tornou-se um dos grandes comunicadores do Brasil. Nesse contexto, surge também a figura de David Martins Miranda, líder da igreja Deus é Amor, que, seguindo os passos de Manoel de Melo, é ainda hoje um ícone do pentecostalismo no Brasil.

A proposta deste capítulo é, sem ufanismo ou pretensão de esgotar o assunto, resgatar um pouco dessa história do pentecostalismo e de suas influências sobre os evangélicos de outras denominações, particularmente as históricas. Arrisco dizer que o pentecostalismo, a despeito de suas divisões e dissidências, foi um movimento de avivamento experimentado pela Igreja brasileira como um todo. Mesmo que não haja consenso a respeito de todos os pressupostos e de todas as doutrinas – e neste grupo me incluo –, devemos admitir a importância do movimento pentecostal para a história do protestantismo no Brasil e suas influências como fenômeno religioso de esferas sociológicas e filosóficas.

A INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA

Falar da origem do pentecostalismo no Brasil sem conhecer melhor seu contexto histórico seria como mergulhar nas águas escuras de um lago sem dispor de informações sobre o que poderia ser encontrado no fundo. Pelo fato de a História sempre trazer consigo várias possibilidades, de acordo com

as interpretações e condições para pesquisa, é natural que alguns dados sejam passíveis de algum tipo de imprecisão. O objetivo, no entanto, é trazer à luz algumas informações sobre o que mais chama a atenção no episódio do surgimento do pentecostalismo como grande movimento de massa: a participação da figura feminina² e da raça negra.

O pentecostalismo surgiu nos Estados Unidos, mas os traços iniciais do movimento podem ser identificados já no século XVIII, quando, num processo de avivamento, o metodismo implantado por Wesley passa a frisar a santificação como primeiro passo para uma vida cristã autêntica. Citando W. Hollenweger, Florêncio Galindo diz que “o pentecostalismo clássico é o produto do encontro entre uma espiritualidade especificamente católica e a espiritualidade protestante dos antigos escravos negros do sul dos Estados Unidos. A espiritualidade católica está implícita nos movimentos de santidade do século XIX, que têm como avô John Wesley, fundador do metodismo² e grande teólogo dos movimentos de santidade”.³

Segundo Galindo, Wesley tirou a idéia de uma segunda experiência religiosa dos católicos italianos, espanhóis e franceses. Na realidade, Wesley já estava completamente influenciado pelos ensinamentos da Reforma Protestante do século XVII, pois a idéia da santificação distinta da conversão dava a todos as mesmas possibilidades, trazendo o clero para mais perto dos leigos.

Provavelmente, o conceito de santidade nascido no metodismo foi o mais importante aspecto para a origem do movimento pentecostal. Idéias como as de “santidade completa”, “amor perfeito”, “perfeição cristã” e “pureza do corpo” foram enfatizadas por Wesley em seu tratado *A Plain*

Account of Christian Perfection.⁴ Mais tarde, essa experiência foi denominada “batismo no Espírito Santo”.

Para Galindo, “a espiritualidade negra está representada pelos compositores de cantos religiosos (black hymns) e por alguns pastores evangélicos, sobretudo por William James Seymour (1870-1922), filho de antigos escravos de Louisiana”.⁵ É possível afirmar, a respeito do pentecostalismo, que ele é um movimento popular desde sua origem, com a forte participação dos pobres e socialmente excluídos, e que se popularizou utilizando aquilo que era mais comum entre o povo.

Em outubro de 1900, Charles Fox Parhan (1873-1929) fundou uma espécie de instituto com o nome de Bethel Bible College, na cidade de Topeka, Estado do Kansas, Estados Unidos. Naquele período, o metodismo norte-americano deixava a prática de uma ética social, sua marca principal desde a origem, para abraçar uma ética filantrópica e individualista, tendo como base um certo desejo perfeccionista de alcançar uma vida espiritual mais acurada.

Até 1900, o conceito de santidade promulgado pelo metodismo encontrara terreno fértil em todas as denominações.⁶ Tal conceito estava relacionado com a vida cotidiana. O metodismo fizera opção pelos mais pobres do século XVIII. As idéias de Wesley se propagavam pelo mundo afora, pois não eram conceitos e experiências isolados da história da Igreja.⁷ O pentecostalismo foi influenciado por esse ambiente avivalista que, mais tarde, chegaria aos Estados Unidos. Logo demonstrou que não seria um movimento passageiro, efêmero, alastrando-se por todo o mundo.

Em janeiro de 1901, na Escola Bíblica de Topeka, um episódio promoveria uma grande transformação entre os evangélicos da época, assim como nas gerações posteriores.

Segundo os historiadores, em determinado momento dos estudos, no qual os alunos analisavam a obra do Espírito Santo, uma estudante, Agnes Osman, colocou-se no meio da sala e pediu a seus colegas que orassem por ela, impondo-lhe as mãos, para que recebesse o Espírito Santo e falasse em línguas. Naquele momento, a aluna teria falado em línguas estranhas. Mais adiante, outros estudantes tiveram a mesma experiência, de acordo com os historiadores.

Esse acontecimento fez com que Parhan abraça outra escola em 1905, na cidade de Houston, Estado do Texas. Lá estudou um jovem negro, de nome William J. Seymour. Persistente e inteligente, aprendeu – mesmo desprezado pelo próprio Parhan – as doutrinas do Espírito Santo, e do batismo no Espírito Santo como uma Segunda Bênção. Passou, então, a ensinar essa doutrina em um endereço que ainda hoje é conhecido por todos os estudiosos do pentecostalismo: a famosa rua Azusa, número 312, na cidade de Los Angeles.

É fácil imaginar quanto preconceito e intolerância Seymour experimentou durante sua jornada de vida cristã a partir daquela experiência. Num contexto eclesiástico segregacionista e conservador, um negro começava a apresentar ensinamentos estranhos, tendo como único alicerce sua própria experiência. Aquela doutrina possibilitava a todas as pessoas, inclusive das classes socialmente menos favorecidas, a liberdade de ação e culto, livre da institucionalização das igrejas históricas. Segundo Florêncio Galindo, “a novidade dessa doutrina era que a santidade não consistia na prática da caridade cristã, como na espiritualidade de Wesley, mas na presença do Espírito Santo. Era uma doutrina altamente atraente para aquela gente pobre e ‘ignorante’, porque se pregava a possibilidade de um poder

esmagador e instantâneo, mediante uma série de experiências religiosas que iam além da experiência dos renascidos”.⁸ A partir dessa gente simples, pobre e negra, Los Angeles experimentou um grande despertar espiritual.

Seymour utilizou a expressão cultural mais comum ao seu meio: a música. Ele se transformou, apesar das perseguições, na maior força evangélica de seu tempo. Para Seymour, não havia discriminação, pois qualquer um poderia se aproximar de Deus, através do Espírito Santo. Bastava uma vida de santidade.

O grupo que Seymour liderava era conhecido como Missão Apostólica da Fé, nome que foi mudado para Assembléia de Deus no ano de 1914, quando o pentecostalismo já era um dos maiores movimentos religiosos do mundo. Entretanto, os líderes fizeram de tudo para que não se tornasse uma denominação convencional, com toda a estrutura e a burocracia próprias das instituições. Por conta dessa preocupação, o movimento pentecostal recebeu outras designações, como Movimento da Fé Apostólica e Movimento das Últimas Chuvas.⁹

Nesse período, muitos líderes se aproximaram de Seymour e tiveram a mesma experiência denominada por ele como “Terceira Bênção”.¹⁰ Um deles foi o pastor de uma igreja batista de Chicago, W. H. Durham. Ele discordava de Seymour, e dizia que aquela experiência com o Espírito Santo era a Segunda Bênção, e não a Terceira, pois a santificação era somente o processo da justificação, vindo depois o batismo no Espírito Santo.¹¹

Esta ênfase nos primórdios do pentecostalismo não é em vão. Ela ajuda a perceber as muitas semelhanças entre o nascimento oficial da Igreja Pentecostal norte-americana e o

surgimento do movimento no Brasil. Nos dois casos, o berço do pentecostalismo se estabeleceu no meio de pessoas simples e que tiveram experiências distintas em suas vidas, mas que representavam, nessas experiências – questionáveis ou não –, o anseio de maior liberdade religiosa. Uma observação cuidadosa permite notar que tanto o pentecostalismo americano quanto o brasileiro abraçaram o povo mais carente – e, como conseqüência natural, o povo negro.

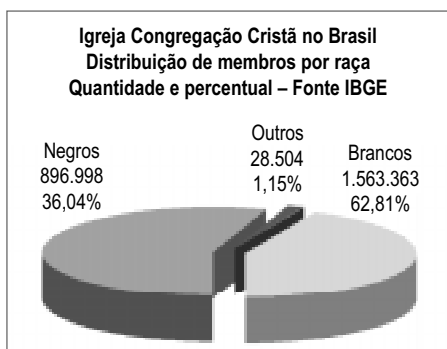
É importante perceber que, nas várias denominações do pentecostalismo clássico no Brasil, a participação de negros desde sua origem é uma característica marcante. Muitos negros tiveram atividades importantíssimas na formação de várias igrejas, ou mesmo de denominações pentecostais em seus diversos segmentos.

A IGREJA CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

Esta denominação é considerada a mais fechada entre os pentecostais. Por causa de sua eclesiologia extremamente divergente das outras igrejas ditas evangélicas, é considerada, por muitos, uma seita. Uma análise da história dessa

igreja aponta para o fato de que sua matriz também foi uma experiência com a chamada “Segunda Bênção” – o batismo no Espírito Santo.

Um jovem chama-



saiu da Itália aos 24 anos, aventurando-se nos Estados Unidos à procura de um futuro melhor. Em Chicago, passou por uma experiência que causaria um forte impacto em sua vida. Havia um rumor de que coisas sobrenaturais estavam acontecendo em Los Angeles, e que o Espírito Santo batizava as pessoas como no dia de Pentecostes. Eram experiências que mobilizavam poderosamente aquela cidade.

Não demorou muito para que Luigi Francescon e sua esposa, Resina Balzano, fossem tomados pelo fenômeno que se alastrava pela América. É importante notar que Francescon não era um neófito na Palavra, nem um homem sem conhecimentos doutrinários, já que havia sido um dos fundadores da primeira igreja presbiteriana da Itália, em 1892. No entanto, suas dúvidas foram cedendo lugar às experiências com o Espírito Santo, segundo pensava. Por isso, não teve como ficar por muito tempo na igreja que acabara de fundar e liderar, uma vez que suas divergências o fizeram afastar-se do convívio com aqueles irmãos italianos.

Em 4 de setembro de 1909, Francescon recebeu uma grande revelação que o fez partir para Buenos Aires, acompanhado de alguns outros que pensavam e criam nas mesmas coisas e já haviam experimentado o “batismo no Espírito Santo”, entre os quais Giácomo Lombardi e Lúcia Menna. Em março de 1910, Luigi Francescon chegou ao Brasil, aproximando-se da colônia italiana e da Igreja Presbiteriana do Brás, um bairro da cidade de São Paulo. Lá, fez de tudo para criar uma grande divisão. Suas idéias particulares sobre o ministério e as ações do Espírito Santo na vida do cristão causaram muitas divergências. Assim, juntamente com outros, deixou a igreja, causando um mal-estar naquela comunidade dividida.

Francescon partiu, então, para a criação da primeira Congregação Cristã no Brasil, localizada na cidade de São Paulo, mais especificamente no bairro do Brás, próximo à Igreja Presbiteriana. O grupo foi formado por dissidentes de várias igrejas históricas que já haviam sido atingidas pela nova doutrina, tais como a presbiteriana, a batista e a metodista. Poucos eram de origem católica, resultado da forte ação proselitista dos adeptos da Congregação Cristã no Brasil – prática essa que continua até os dias de hoje.

No início, os cultos na Congregação Cristã no Brasil eram totalmente celebrados em italiano. O objetivo dessa tradição era influenciar os imigrantes italianos que vinham em grandes grupos para o Brasil. Não por acaso: entre os habitantes do bairro do Brás havia um grande contingente de italianos. Não somente os cultos, mas também o próprio hinário era em italiano, como explica Carl Joseph Hahn: “O primeiro hinário, com 182 hinos, era em italiano. O segundo, impresso em Chicago, em 1924, também era em italiano. Em 1935, a terceira edição do hinário foi impressa no Brasil pelos irmãos Spina. Metade dos hinos (de 1 a 329) estava em italiano, e a outra metade (de 330 a 588), em português. A quarta edição, impressa em 1943, já estava só em português. Essa edição foi revisada e aumentada em 1951 e 1965.”¹²

É possível que a estratégia inicial, quando da formação da Congregação Cristã no Brasil, fosse a de acolher os imigrantes italianos e formar entre eles a membresia. Se essa foi, de fato, a intenção original, é fácil constatar que o resultado foi bastante distinto, posto que há negros participando ativamente na denominação.

A história da Congregação Cristã no Brasil contrasta com sua realidade atual: mesmo fazendo parte de uma linha

pentecostal tremendamente sectária, a denominação continua crescendo e atingindo as comunidades carentes do país. Curiosamente, sua maneira fundamentalista de encarar a Bíblia, a eclesiologia, a salvação e o relacionamento com outras denominações, outras religiões e o mundo secular não é obstáculo para sua disseminação.

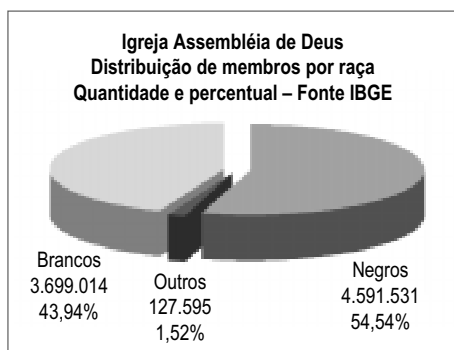
Afirma Elben M. Lenz César: “Às vezes, se considera a única igreja certa, não tendo o menor relacionamento com qualquer outra igreja, nem mesmo com as igrejas pentecostais. Não publica jornais, revistas de estudos bíblicos nem livros. Não se serve do rádio nem da televisão. Não se reúne em lugares públicos. A evangelização é feita por meio de evangelismo pessoal e dos cultos, geralmente longos. Os que se salvam e se batizam foram ganhos porque eram predestinados e chamados por Deus para a salvação. Não há ministros ordenados nem burocracia eclesiástica. O pregador é suscitado na hora da pregação, por revelação de Deus.”¹³

Tudo na Congregação Cristã no Brasil é diferente das outras denominações, mantendo características de uma grande seita. Certa vez, conversei com uma jovem que, cheia de hostilidade, disse que eu não passava, juntamente com todos os outros filiados a outras denominações, de uma criatura; e que ela não poderia conversar comigo, pois era filha de Deus. Ponderei, dizendo que eu era uma nova criatura, e que a Bíblia me garantia isso. Lembrei a passagem bíblica segundo a qual, em Cristo, as coisas velhas passaram e tudo se fazia novo (2 Co 5:17). Meu esforço, porém, de nada valeu. Ela insistia em dizer que, embora a Bíblia diga isso, somente os membros da Congregação Cristã no Brasil são considerados filhos de Deus. Os demais, dizia ela, são míseras criaturas que só alcançarão a salvação tornando-se membros

daquela igreja. Mesmo com essa postura separatista, a igreja se mantém em ritmo de crescimento.

A IGREJA ASSEMBLÉIA DE DEUS

A Assembléia de Deus é o maior grupo pentecostal existente no Brasil. É uma das igrejas que mais influenciaram a religiosidade cristã no país. Muitas outras denominações neopentecostais nasceram tendo como matriz as doutrinas e eclesiologias das Assembléias de Deus. No entanto, sua origem no



Brasil se deu com a participação de outras denominações, isto é, pela transformação doutrinária de algumas igrejas históricas.

A influência dos acontecimentos em Los Angeles, nos Estados Unidos, propagou-se

por vários outros países. A repercussão foi muito grande, e as transformações experimentadas pelas igrejas norte-americanas fizeram com que muitos líderes viajassem para aquela cidade com o propósito de ver e sentir a “novidade espiritual” tão comentada.¹⁴

Em 1902 e 1903, dois suecos viajaram para os Estados Unidos, aproveitando o grande êxodo da Europa para a América. Uniram-se à Igreja Batista de Chicago, de origem sueca, pastoreada por W.H. Durham, que havia experimentado o chamado “batismo no Espírito Santo”. Daniel Berg foi membro

da igreja de Durham, em Chicago, e de lá saiu como missionário para o Brasil¹⁵ junto com Gunnar Vingren, um jovem bem preparado, pois já havia cursado o seminário na Primeira Igreja Batista de Chicago. A experiência e a preparação deram-lhe a oportunidade de pastorear a Igreja Batista em Menominee, no Michigan.

Numa conferência realizada na Primeira Igreja Batista de Chicago, Gunnar teve a experiência que o induziria a adotar uma postura totalmente diferente de tudo que havia aprendido. Foi atingido pelo fenômeno que já na época era denominado o “batismo no Espírito Santo”, e começou a pregar sobre aquele acontecimento, defendendo que era necessário o batismo para a vida cristã, mas devia ser acompanhado pelo dom de línguas.

Não suportando as pressões daqueles que queriam continuar nas doutrinas batistas, Gunnar deixou a igreja em Menominee e partiu a fim de pastorear outra, também batista, na cidade de South Bend, em Michigan. Desta vez, conseguiu transformar aquela congregação numa comunidade pentecostal. Até que, um dia, ouviu uma profecia e resolveu migrar para o Brasil. Antes disso, porém, foi visitado por Daniel Berg, que também ouviu a profecia, indicando a data e em que navio partiriam.¹⁶

Eles chegaram aqui em 19 de novembro de 1910, data considerada o início do pentecostalismo no Brasil. Àquela época, o país já estava preparado para receber as novas idéias, e um fator que propiciava a chegada do movimento pentecostal era o fato de a Igreja Católica estar experimentando um forte declínio. A Região Norte, devido à precariedade das condições de vida, não atraía os padres de então, que buscavam permanecer nos lugares de melhor acesso.

“Deve-se notar que esta parte norte do Brasil estava, de muitas maneiras, particularmente preparada para o advento do pentecostalismo pela escassez de padres e pelo desenvolvimento da religião popular católica, dirigida por leigos, em que a superstição e as curas milagrosas por líderes ‘carismáticos’ e ‘santos’ desempenhavam papel proeminente. Era também uma região dominada por vários tipos de líderes ‘messiânicos’.”¹⁷ Portanto, quando os fundadores da igreja Assembléia de Deus aqui chegaram, tudo estava preparado para que fosse difundida a doutrina do batismo no Espírito Santo, que atingiria em cheio as igrejas históricas, causando muitas divisões. Os conflitos resultantes da chegada do pentecostalismo no Brasil resultariam, também, num grande avivamento das igrejas históricas, como as batistas, as presbiterianas, as metodistas e outras, aumentando nelas o fervor missionário.

As igrejas históricas já haviam evangelizado grande parte do país, o que também facilitou a entrada da igreja pentecostal. Houve períodos nos quais o exagero fez que algumas comunidades evangélicas sofressem o gosto amargo das mágoas e separações. De um lado, os pentecostais, defendendo que todos os evangélicos deveriam passar pelas mesmas experiências para, dessa forma, serem identificados como servos verdadeiros de Deus. No outro lado da arena, os históricos, que mantinham a postura de donos da única verdade, não admitindo nenhuma manifestação espontânea de fé.

A primeira igreja fundada por Gunnar e Berg data de 18 de junho de 1911, mantendo o nome histórico dado por W.J. Seymour, Missão Evangélica Apostólica da Fé, logo alterado para Assembléia de Deus, em 1918. Desde aquela época até os dias de hoje, a igreja pentecostal Assembléia de Deus cresceu de forma surpreendente. Segundo a Central Geral

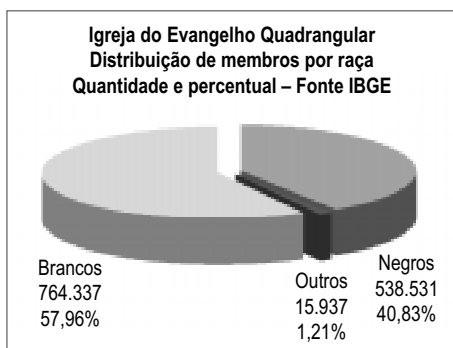
das Assembléias de Deus, existem 45 convenções espalhadas por todo o Brasil, com cerca de 22 mil ministros e quase 8,5 milhões de membros.¹⁸

Durante estes quase cem anos de existência, a denominação dividiu-se em várias ramificações que fizeram surgir outras convenções e ministérios, ainda que quase todos sejam considerados pentecostais da mesma raiz denominacional, a Assembléia de Deus. Isso significa que o número de pentecostais pertencentes às igrejas Assembléias de Deus pode ser muito maior e impossível de se catalogar. Neste momento mesmo, é provável que uma congregação da Assembléia de Deus esteja sendo organizada num lugar qualquer, numa rua nobre ou na favela, na cidade ou no campo, numa rua principal ou na esquina mais deserta, num prédio moderno ou numa lojinha alugada.

Sem sombra de dúvidas, esse é o maior grupo do pentecostalismo clássico. Conseqüentemente, possui o maior contingente de negros, que vêem na igreja a oportunidade de manifestar sua fé de uma forma que mais se identifica com suas raízes.

A IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR

Após alegar que teve uma revelação, na qual viu quatro querubins com quatro rostos – um de homem, outro de leão, outro de boi e outro de águia –, Aimee Semple McPherson deu início a um grupo religioso que veio a ser chamado Igreja do Evangelho Quadrangular. Ela dizia que os rostos que vira simbolizavam os pontos principais do ministério de Jesus: o Salvador, o que batiza no Espírito Santo, o que cura e o Rei que há de voltar.



A mensagem pregada nos primórdios da Igreja Quadrangular enfatizava conceitos que corroboravam e certificavam a revelação recebida por sua fundadora, ou seja, “a mensagem de

salvação, o batismo no Espírito Santo, a cura divina e a iminente volta de Cristo”.¹⁹ Foi então que, em 1923, em Los Angeles, um templo foi construído e tornou-se a sede mundial desse grupo pentecostal.

Em 1951, o pentecostalismo já tinha sua extensão própria. Porém, Harold Williams, um missionário que trabalhava na Bolívia, chegou ao Brasil com uma proposta nova: abrir igrejas sob tendas de lona. Até hoje os membros da Igreja do Evangelho Quadrangular são chamados “tendeiros” por causa dessa característica que marcou a origem da denominação.

A primeira igreja foi construída em São João da Boa Vista, interior de São Paulo, em 15 de novembro de 1951, com o nome de Igreja Evangélica do Brasil. Sete anos depois, passaria a ser conhecida como Igreja do Evangelho Quadrangular. Mas o crescimento em larga escala aconteceu de fato a partir de 1953, quando Williams organizou a Cruzada Nacional de Evangelização.²⁰

Outro nome importante na formação da Igreja do Evangelho Quadrangular no Brasil foi o de Raymond Boatright, que enfatizava a cura divina, o que trouxe à denominação um grande crescimento num país cuja população sofria com sistemas de saúde e saneamento básico pouco eficientes,

gerando um alto índice de enfermidades. Como afirmou Luís de Castro Campos Jr., “a ênfase na cura divina funcionou como verdadeiro fator de desenvolvimento dessa seita, que já em 1964 contava com 25 mil membros”.²¹

Esse grupo, de forma diferente das outras igrejas pentecostais anteriores, valoriza bastante a figura da mulher. Tal característica faz que a Quadrangular experimente um crescimento expressivo, além de exercer grande influência no âmbito pentecostal.

É indiscutível a contribuição da Igreja do Evangelho Quadrangular para o crescimento do pentecostalismo no Brasil. Por ela passaram outros líderes que influenciaram significativamente o movimento pentecostal. Um deles foi Manoel de Melo, que fundaria a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo. Outro líder formado a partir da Igreja Quadrangular foi Robert McAlister, fundador da Igreja de Nova Vida, considerada uma denominação da “terceira onda”²² do pentecostalismo no Brasil.

Embora seja uma igreja com estratégias de trabalho voltadas para a classe média, presente em muitos Estados do país nos quais a população pobre forma a maioria maciça, a Quadrangular continua se expandindo de modo observável. Hoje, a IEQ tem cerca de 1,3 milhão de membros e vários ministros em todo o Brasil. É possível notar a presença expressiva de mulheres e negros ocupando cargos de liderança, ou mesmo o pastorado das igrejas locais.

A IGREJA PENTECOSTAL O BRASIL PARA CRISTO

Esta é, sem dúvida, a primeira grande igreja pentecostal genuinamente brasileira. Enquanto os outros grupos pentecostais

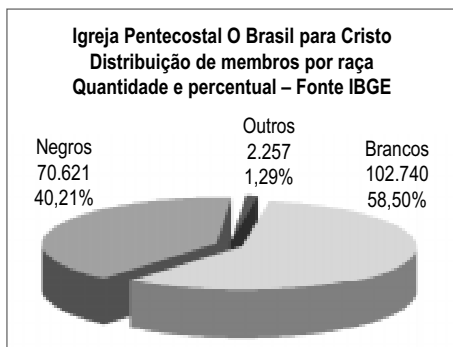
têm suas origens nas experiências dos europeus e norte-americanos, a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo teve sua origem em experiências de evangélicos nativos. Outras vieram depois, mas esse grupo tem o mérito de ser o primeiro entre os pentecostais brasileiros a adotar, inclusive, uma postura ecumênica – um grande avanço para o movimento pentecostal.

Seu fundador foi o pernambucano Manoel de Melo. A origem de sua formação religiosa está na Igreja Assembléia de Deus, onde foi evangelista. Lá aprendeu muito, mantendo contato com métodos simples de evangelização. Quando passou pela Igreja do Evangelho Quadrangular, assimilou a estratégia que o levaria a criar uma denominação efetivamente brasileira: com a montagem de “enormes tendas”²³, como faziam os chamados “tendeiros”, Manoel de Melo começou suas pregações.

Homem de extraordinária capacidade de liderança, ele tinha atributos além das expectativas. Era um comunicador como poucos, capaz de utilizar a oratória simples de forma persuasiva e envolvente, o que contribuiu de modo significativo para a expansão de sua igreja. Suas mensagens eram carregadas de palavras de consolo às pessoas que, como ele,

havam se aventurado numa cidade grande como São Paulo.

A identificação do povo com esse discurso popular fez que a igreja crescesse muito e de forma rápida. Manoel de Melo



pregava ao ar livre e nas tendas de lona porque isso o aproximava das pessoas. Sua linguagem era simples e de fácil assimilação. Ele foi, sem dúvida, um dos maiores fenômenos da comunicação religiosa na década de 1950. “Multidões de mais de cem mil pessoas reuniam-se nas grandes praças da cidade para ouvir esse rouco pregador.”²⁴

Além disso, Manoel de Melo usava como ninguém os programas de rádio. Essa característica merece especial atenção, já que, naquela época, com o início das transmissões da televisão ao Brasil (18 de setembro de 1950), o rádio começava a perder sua força, embora mantivesse a condição de meio de comunicação mais acessível às classes populares²⁵, fazendo dele “o favorito dos milhares de pessoas que viviam nos lugares pequenos e afastados”.²⁶

Manoel de Melo foi um dos maiores mitos da Igreja Evangélica no Brasil. Com seu modo simples de se comunicar, trouxe um singular avivamento para o movimento pentecostal brasileiro. É considerado um ícone que, por muito tempo, tornou-se exemplo para os jovens pastores pentecostais e até históricos, que pautaram várias de suas ações por aquele que viam como um líder nato. Embora fosse seu objetivo, Manoel de Melo não tinha só uma denominação, desde que se tornou um líder da Igreja Brasileira entre o segmento pentecostal, influenciando várias gerações.²⁷

Hoje, quando se ouve algum dos cultos das igrejas pentecostais no rádio, é possível notar a influência de Manoel de Melo na forma de falar dos apresentadores, na programação, no tipo de liturgia musical. Na década de 1970, o evangelista aproveitou um momento crucial na história do rádio brasileiro, como afirma Gizela Swetlana Ortriwano em seu livro *A Informação no Rádio – Os Grupos de Poder e a Determinação*

dos Conteúdos: “As emissoras passaram a identificar-se com determinadas faixas sócio-econômico-culturais, procurando dirigir-se a elas e buscando sua linguagem nos próprios padrões das classes que desejavam atingir”.²⁸ Esse foi um momento ótimo para a difusão das mensagens proferidas por aquele visionário.

Manoel de Melo impressionou o Brasil com seu jeito simples e modesto. Em contraste com os líderes pentecostais e neopentecostais de nossos dias, vivia de forma humilde e pacata,²⁹ o que chamava a atenção dos pastores jovens que vinham ouvi-lo com atenção.

Outro aspecto importante na liderança de Manoel de Melo e da Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo foi sua abertura para os outros grupos cristãos. Essa foi a única denominação pentecostal a participar do Conselho Mundial de Igrejas, permitindo, desde então, uma melhor compreensão de sua atuação social. É fato especialmente notável, já que constitui posição antagônica ao pentecostalismo, que tende a se posicionar como religião preocupada prioritariamente com “as coisas de cima”, “as coisas do alto”. Com todas essas prerrogativas, a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo continuou a crescer, construindo sua sede na cidade de São Paulo.

Há um contingente grande de pastores negros na Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo. A denominação faz justiça ao nome que adotou, pois a base de sua liturgia é bem brasileira e envolvente – embora conserve, como na maioria dos grupos pentecostais, certa timidez na área do ensino. Além disso, é possível identificar, nos líderes da Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo, certa distância daquele ardor evangelístico e da opção pela simplicidade, próprios de seu fundador.

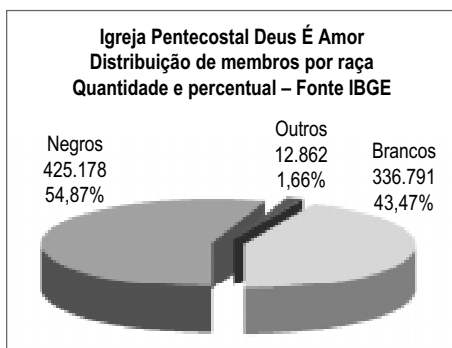
A IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR

Seguindo os passos de seu líder espiritual, Manoel de Melo, o missionário David Martins Miranda foi, e continua sendo, um dos que mais causaram turbulências entre os evangélicos no Brasil. Sendo membro dissidente da Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo, David Miranda aprendeu todos os caminhos para, em 1961, dar início a um movimento próprio, que ele chamou Igreja Pentecostal Deus é Amor.

Considerada uma das alas mais radicais e moralistas do pentecostalismo brasileiro,

suas práticas anticulturais aproximam-se de um ascetismo exacerbado, incluindo regras de comportamento quase bizarras. Os adeptos da Deus é Amor não podem, por exemplo, assistir à televisão, entrar num cinema, freqüentar o teatro ou mesmo ir à praia. Para eles, essas práticas são motivadas por demônios opressores. No entanto, ouvir rádio – um dos principais meios de comunicação utilizados pela denominação – não é incluído no rol das atitudes pecaminosas.

David Miranda aproveitou também a chegada da televisão e o conseqüente declínio do rádio para difundir suas mensagens de exorcismo e cura divina.³⁰ Com um estilo parecido com o de Manoel de Melo, utiliza a voz rouca e a linguagem popular para penetrar principalmente, nos grupos sociais menos favorecidos.



O fato de a Igreja Pentecostal Deus É Amor ter experimentado seu momento de maior expansão durante os anos mais cruéis da história política brasileira é digno de nota. Esse crescimento continua em ritmo acelerado. Através de suas congregações, consegue atingir as comunidades mais desprovidas e excluídas, mantendo, assim, o estilo que marcou a denominação em sua origem.

A Igreja Pentecostal Deus É Amor é um grupo interessante para análise do pentecostalismo brasileiro, seja do ponto de vista da Sociologia, da Psicologia ou da Filosofia. Sua postura diante da cultura, de outras religiões e da sociedade é um enigma que ainda não foi devidamente decifrado. O que também chama atenção a respeito dessa denominação pentecostal é a participação de negros, que, mesmo constituindo minoria, é muito expressiva.